

Azilde L. Andreotti
Doutora em Educação e pesquisadora vinculada ao Grupo
de Estudos e Pesquisas HISTEDBR, da Faculdade de Educação da Unicamp.

O Acervo de Documentos da Biblioteca Infantil de São Paulo (1936-1960)

Testemunho de uma época
revelando sua diversidade

Neste texto apresento um projeto de organização do acervo de documentos da Biblioteca Infantil de São Paulo e seus desdobramentos, que respaldaram ações efetivas, imprimindo um sentido mais amplo para as atividades de preservação e divulgação de registros documentais.
Palavras-chave: biblioteca infantil, acervo de documentos, preservação e divulgação.



In this text i present a project of the organization of documents from the Infantile Library of São Paulo and its unfoldments which based present actions, giving a wider sense to preservative and divulgative activities of documental registers.
Keywords: infantile library, documental registers, preservative and divulgative activities.

O resgate e a organização de documentos têm se revelado uma prática cada vez mais constante, muitas vezes a partir do empenho de pessoas envolvidas com a pesquisa histórica. Este texto apresenta um trabalho de organização do acervo documental da Biblioteca Infantil de São Paulo, em me-

ados da década de 1990, denominado *Projeto Memória*, cujo objetivo era resgatar uma série de documentos acumulados desde 1936, que se encontravam desorganizados, guardados em diferentes lugares, alguns perdidos e mal conservados, como também disponibilizá-los, pois a falta desses registros e de sua divulga-

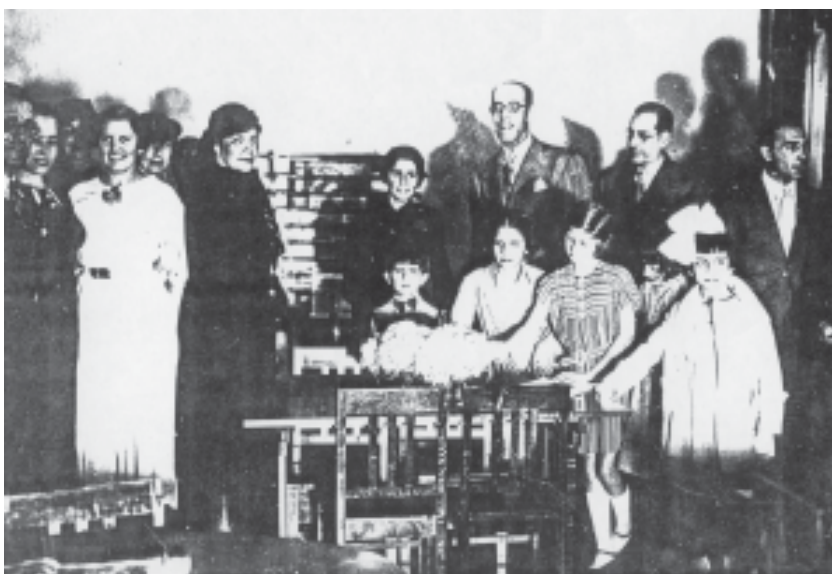
ção reduziria o que representou a Biblioteca, pela perda de referências passadas em relação ao seu significado e trajetória como instituição educativa e cultural.

Inaugurada em 14 de abril de 1936, a Biblioteca compunha o ambicioso projeto de criação do Departamento de Cultura de São Paulo, dirigido por Mário de Andrade, e foi orientada para proporcionar alternativas de modo a complementar o que era oferecido pelas escolas de educação oficial, acompanhando os novos métodos pedagógicos recomendados para a educação da criança. A implantação de uma Biblioteca infantil, na época, estava reduzida a algumas poucas escolas, como a do Instituto Caetano de Campos, por exemplo.¹

O projeto da Biblioteca Infantil foi considerado de vanguarda, pois abrigava características de um centro de cultura em

torno do livro e da leitura, como confirmam suas primeiras atividades: sessões de cinema sonoro, exposição de selos e moedas, concurso infantil de pintura, hora do conto e um jornal feito pelas crianças. Foi também o embrião de outras bibliotecas infantis na cidade, no estado de São Paulo e em outras capitais do país, tamanha a repercussão quanto à sua criação e funcionamento.

A história da Biblioteca confunde-se com a Vila Buarque, bairro aristocrático na época² e atual região central da cidade de São Paulo, onde a Biblioteca ocupou, primeiramente, uma pequena casa na rua Major Sertório, contando com uma sala de leitura (livros de ficção e pequena coleção de referência), uma sala de revistas, um salão de festas que servia para as sessões de cinema e uma pequena varanda utilizada como sala de jogos:



Fotografia de inauguração da Biblioteca Infantil, em 14 de abril de 1936. Lenyra Fraccaroli, diretora da Biblioteca, está à esquerda de Mário de Andrade. Fonte: Arquivo da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato

damas e xadrez.³

A divulgação de suas atividades atraiu crianças e jovens de várias regiões da cidade, chegando a atender mais de quatro mil freqüentadores por mês, impondo a necessidade de um espaço mais amplo.

Em 1945, a Biblioteca mudou-se para um casarão situado em uma quadra desapropriada pela prefeitura, no mesmo bairro, pertencente a Rodolfo Miranda, antigo senador da República. Com a ampliação de suas instalações, outras atividades puderam ser organizadas, tais como a Sala Braille, para o atendimento sistemático de crianças com deficiência visual – o que já ocorria, mas sem um espaço específico –, e foram iniciados os Congressos de Literatura Infantil e Juvenil, nos quais crianças e jovens debatiam temas ligados à literatura.⁴ Nessa quadra, foi construído o seu prédio atual, com uma área de 2.334 metros quadrados,⁵ inaugurado em 24 de dezembro de 1950, onde novas sessões foram iniciadas, como o teatro infantil, a sala de arte, e a discoteca, posicionando-se como Biblioteca infantil central, a partir de uma rede distrital que se ampliaria na década de 1950. Em 1955, o nome Monteiro Lobato foi dado à Biblioteca, em homenagem ao escritor, e atualmente denomina-se Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.

Desde a sua criação, em 1936, a Biblioteca Infantil foi dirigida por Lenyra de Arruda Camargo Fraccaroli (1906-1991), até que se aposentasse, em 1960. Durante esse período de 24 anos, Lenyra

preocupou-se em guardar toda a documentação que envolvia a Biblioteca, além da administrativa, reunindo um acervo rico em informações para pesquisadores. Lenyra participou da organização e difusão de várias bibliotecas infantis no estado de São Paulo e no Brasil, como a Biblioteca Infantil de Salvador, Bahia, em 1950, cuja proposta de criação apresentada a Anísio Teixeira, então secretário de Educação e Saúde desse estado, foi antes enviada para a apreciação de Lenyra por Denise Tavares, sua primeira diretora.⁶

Nas correspondências arquivadas, inúmeras cartas solicitavam orientação para a organização de bibliotecas infantis, desde o espaço físico, os móveis adequados, o acervo etc., até pareceres sobre algum livro de literatura infantil.⁷ Na expansão das bibliotecas infantis pela cidade de São Paulo, a partir de 1946 e, sobretudo, nos anos de 1950, Lenyra Fraccaroli, acumulando o cargo de chefe da Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis, teve a função de ver o terreno, o bairro de localização, como também participar da organização das primeiras bibliotecas instaladas.

Após sua aposentadoria, Lenyra afastou-se da direção da Biblioteca, mas seguiu articulando atividades voltadas à literatura infantil, com a criação da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, em 1978, da qual foi presidente de honra.⁸

No seu afastamento no início da década de 1960, não se sabe ao certo por qual

razão, Lenyra levou para a sua casa toda a documentação que havia acumulado desde 1936. Talvez desconfiasse que não seria dada a importância devida aos documentos tão bem guardados por ela. Em 1985, doou esse acervo para a Biblioteca, acrescido de alguns documentos pessoais, conforme termo de doação, com a presença do então secretário da Cultura do município de São Paulo, Gianfrancesco Guarnieri.

Com a morte de Lenyra, em uma cerimônia com a presença de sua filha Dulce, prestaram-lhe uma homenagem dando seu nome a uma sala na Biblioteca, onde funciona atualmente a Seção de Bibliografia e Documentação. Há uma Biblioteca infanto-juvenil na Vila Manchester, região norte da cidade de São Paulo, que leva seu nome, como também na cidade de Rio Claro, inaugurada em 1981.

A documentação preservada, conhecida na Biblioteca como *Acervo Lenyra*, nos surpreendeu, mesmo levando-se em conta a conotação de um arquivo construído conforme os desígnios de uma pessoa, na seleção particular do que deve ser lembrado e documentado. A própria iniciativa da guarda dessa documentação destoou do que acontecia e ainda acontece quanto à preservação de documentos, que são fontes de pesquisa importantes para a historiografia em geral.

Destaco uma rápida descrição desse material organizado por Lenyra: cinco álbuns de fotografias, indicados como *Documentário fotográfico das Bibliotecas*,

desde 1925 até a década de 1950, com setecentas fotos;⁹ sete álbuns de recortes de jornais, a maioria da grande imprensa, de 1924 até 1960, com artigos descrevendo as primeiras atividades da Biblioteca e sua trajetória; a atuação de Lenyra Fraccaroli e a criação de outras bibliotecas ramais; artigos destacando a realização de Congressos de Literatura Infantil e Juvenil, artigos sobre Monteiro Lobato, artigos de políticos, artigos sobre a carreira de bibliotecário etc.

Quanto às correspondências, são nove álbuns entre correspondências recebidas e enviadas, desde 1936, e mais sete álbuns, em que se confundem correspondências e recortes de jornais. Deste material, muitas cartas foram retiradas, pois haviam folhas rasuradas nos álbuns (as cartas eram coladas ou grampeadas e as folhas numeradas). Mesmo assim, encontram-se cartas de Mário de Andrade e de políticos, como Jânio Quadros e Adhemar de Barros, correspondências de outros países da América Latina, bem como de outros estados brasileiros pedindo orientação para a montagem e organização de bibliotecas infantis, solicitação de livros etc. Há também material sobre biblioteconomia, sobre o funcionamento e organização de bibliotecas e a coleção do jornal *A Voz da Infância*.¹⁰

O projeto de resgate da história da Biblioteca durou dois anos: 1995 e 1996. Com a participação do arquiteto Celso Eduardo Ohno, compilamos, sistematizamos e organizamos esse acervo para fu-

turos pesquisadores. Durante esse período, o *Projeto Memória* esteve na pauta da Biblioteca, gerando discussões acerca da sua origem e da importância da sua trajetória, envolvendo várias pessoas, respaldando algumas atividades já em andamento e ensejando a origem de outras ações. Esse movimento em torno do projeto de organização do acervo, sem dúvida, imprimiu um sentido mais amplo ao trabalho, levando a algumas reflexões a respeito do significado de um acervo, do ato de sua organização e divulgação.

Geralmente, os arquivos se apresentam como registros ligados ao passado, que devem ser conservados (o que nem sempre ocorre), como testemunho do já acontecido, muitas vezes com pouca ou nenhuma ligação com o presente. No decorrer do nosso trabalho, surgiram algumas questões que não havíamos previsto, já que a organização dos documentos tinha, originalmente, a finalidade de resgatar o significado da Biblioteca e disponibilizar um arquivo para pesquisadores. Os desdobramentos desencadeados nos surpreenderam e dimensionaram a importância do trabalho, pois o acervo foi revelando seu caráter diversificado, ultrapassando os objetivos iniciais, fornecendo um suporte para atividades do momento.

Relato, a seguir, as conseqüências imediatas da organização do acervo.

Junto à *Agenda Cultural*, publicação mensal, na época, da Secretaria da Cultura da Prefeitura de São Paulo, sobre eventos promovidos em suas unidades, divul-

gamos esse material e conseguimos que alguns ex-freqüentadores retornassem à Biblioteca, atraídos principalmente pelos álbuns de fotografias, como também pesquisadores interessados em algum recorte do material organizado.

A organização do acervo contribuiu com algumas reuniões de uma associação de moradores do bairro da Vila Buarque, onde a Biblioteca se encontra desde a sua origem, o "Núcleo dos Amigos da Praça Rotary", entidade ainda atuante e que conseguiu resgatar a praça que sedia a Biblioteca para o seu lazer, contando com o apoio de Rosely Leme, sua diretora na época. Houve também, naquele momento, uma proposta de construção de um Museu da Televisão na praça, o que descaracterizaria o escasso espaço verde do bairro. O acervo fotográfico serviu de suporte para demonstrar os vários momentos da praça, que chegou a sediar um teatro, derrubado no início dos anos de 1970.¹¹ As fotografias do acervo se somaram a outras produzidas pelos moradores e a origem e a história do bairro e da Biblioteca ajudaram quanto à importância de se preservar a praça.

Os álbuns de fotografias serviram também para dinamizar as visitas monitoradas que atendiam a grupos de crianças agendados por escolas para conhecer a Biblioteca, suas instalações e funcionamento, culminando com uma atividade na sala de leitura. Esses álbuns fizeram parte dessas visitas, apresentando os diferentes prédios que a Biblioteca

ocupou, que já não existem mais, chamando a atenção sobre as mudanças no bairro da Vila Buarque, como também sobre os costumes da época.

Para as atividades que se desenrolaram junto ao processo de organização do acervo, as fotografias foram os suportes que mais chamaram a atenção, sem dúvida, por se constituírem em testemunhos de momentos que se perdem, que se transformam, muitas vezes idealizados. Como bem assinala Susan Sontag, a fotografia se apresenta “como apenas um fragmento, e com o passar do tempo suas amarras se desprendem. À deriva, vai-se transformando em passado difuso e abstrato, aberto a qualquer tipo de leitura”.¹²

As fotografias retrataram aspectos do bairro da Vila Buarque, que no rápido processo de urbanização de São Paulo assistiu a amplos e ajardinados casarões transformarem-se em prédios de apartamentos. Retrataram também antigos cos-

tumes como a indumentária de meninos engravatados e meninas com laços na cabeça e amplos vestidos, sentados de forma circunspeta à volta de uma mesa, na Biblioteca, com um livro aberto à sua frente.

Nosso trabalho serviu também de apoio para algumas oficinas que se realizavam na Biblioteca, como a disponibilização do acervo para um grupo de teatro amador de jovens que participavam de oficinas de teatro. Esse grupo encenou parte da história da Biblioteca, resultando na vinda, para uma palestra, de Iacov Hillel, renomado diretor de teatro e ex-diretor da Escola de Arte Dramática da Faculdade de Comunicações da USP, que iniciou sua carreira teatral na Biblioteca, com um grupo de teatro nos anos de 1960, o Teatro Infantil Monteiro Lobato (Timol).

Outra consequência do trabalho foi uma mudança no próprio espaço da Biblioteca e a junção do trabalho de res-



Sala de revistas e de empréstimo de livros da Biblioteca Infantil Municipal.
Fonte: Separata da *Revista do Arquivo Municipal*, nº 64, de fevereiro de 1940

gate da sua documentação com a do Acervo Monteiro Lobato, sob a responsabilidade de Hilda Junqueira Villela Merz, que foi reorganizado com o auxílio de Celso Ohno e instalado em local mais propício.

O Acervo Monteiro Lobato, iniciado nos anos de 1930 com figuras de personagens infantis doados por Lobato, assíduo freqüentador da Biblioteca,¹³ e doações da família do escritor, após a sua morte em 1948, reúne as primeiras edições dos livros de literatura infantil, seus ilustradores, traduções, adaptações, documentos pessoais, farta correspondência, homenagens, artigos sobre o autor e sua obra, artigos escritos por Lobato em vários periódicos desde o início do século XX, livros e teses sobre Lobato, fotografias e alguns pertences seus em uma vitrine em exposição. São 3.028 documentos abrangendo os vários aspectos da vida do autor e de sua obra.¹⁴ A Biblioteca já informatizou esse acervo, cuja reunião se deu pelo envolvimento pessoal de Hilda Junqueira Villela Merz, pesquisadora dedicada à obra de Monteiro Lobato, contratada pela prefeitura por “notório saber” em 1982, que esteve durante 16 anos à frente do Acervo Lobato, pesquisando no jornal *O Estado de São Paulo* e em outras fontes, complementando um acervo para pesquisadores. É indicada como especialista em Lobato, sendo que a maioria das obras a respeito do autor conta com a sua participação, mesmo que nem sempre os créditos a contemplem. Após completar

75 anos, em 1998, dona Hilda, como é chamada, aposentou-se, mas continua sua pesquisa sobre Monteiro Lobato, atende a pesquisadores e não perdeu seu vínculo com a Biblioteca, onde, sistematicamente, passa algumas manhãs.

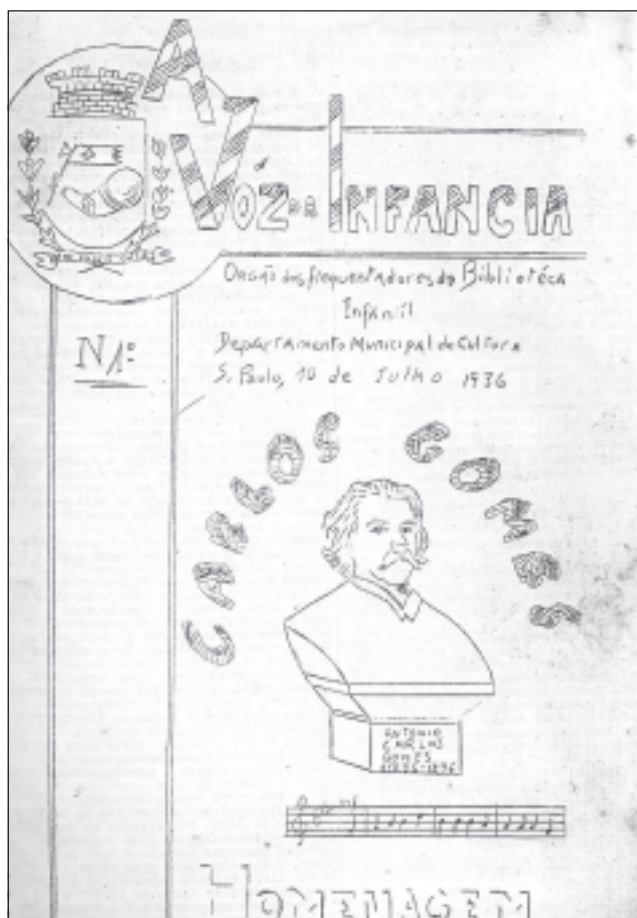
A organização do acervo da Biblioteca ensejou algumas exposições, a mais significativa foi a dos 60 anos de sua criação, em abril de 1996.¹⁵ Não fomos adiante em relação a alguma publicação que pudesse divulgar de forma mais ampla o acervo organizado ou o histórico e a trajetória da Biblioteca e, com isso, encerramos o trabalho. Atualmente, esse acervo está disponível na Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, que leva o nome de Sala de Documentação Lenyra C. Fraccaroli, procurada por pesquisadores por conter algumas obras raras do século XIX, livros de literatura infantil desde a década de 1910, obras de literatura infanto-juvenil estrangeira, teses e revistas sobre literatura infantil e juvenil, a Coleção Revista Tico-Tico, o Acervo Monteiro Lobato¹⁶ e também a documentação sobre a história da Biblioteca, que foi tombada após o trabalho de organização.

O processo de organização do acervo da Biblioteca Infantil demonstrou como utilizar e dar sentido a documentos que até então estavam mal conservados e esquecidos e nos levou a algumas reflexões quanto à questão da conservação dos acervos e seus significados, que ultrapas-

sa a finalidade de registro e testemunho, dado que a importância que se concede a um arquivo se apresenta também na forma de sua organização e possibilidade de acesso.

O nosso trabalho estimulou a preservação, o tombamento e a divulgação do material organizado, como também facilitou as condições de acesso à consulta de outros acervos na Biblioteca, contribuindo para a conscientização da importância da guarda e da disponibilização de documentos.

O conjunto de informações reunidas sobre as atividades desenvolvidas pela Biblioteca Infantil ao longo de sua história e o seu reconhecimento, sem dúvida, serviu como referência para o planejamento e desempenho da instituição, ao menos naquele momento, como também sobre a importância de se registrar as atividades e os projetos desenvolvidos em seu espaço. Atualmente, há uma sala reservada à memória da Biblioteca Infantil, com os pertences de Lenyra Fraccaroli em uma vitrine, o mimeógrafo em que era produzido o jornal da Biblioteca, o A



Capa do primeiro número do *A Voz da Infância*, de 10 de julho de 1936, jornal da Biblioteca, homenageando Carlos Gomes

Voz da Infância, os álbuns de fotografias e de documentos, como também alguns volumes com o histórico de outras bibliotecas infanto-juvenis da rede municipal de São Paulo, coordenados pela funcionária M. Conceição C. de Oliveira.

O interesse pela história da Biblioteca, despertado pelo trabalho de reunião de seus registros, revelou o caráter diversificado do acervo: de sua simples organização surgiu uma composição mais ampla, tanto no momento do trabalho, que durou dois anos, quanto posteriormente, na disponibilidade de acesso aos documentos que o trabalho proporcionou e na constatação de que havia um arquivo importante, revelador da trajetória da Biblioteca, desde a sua origem.

O reconhecimento do projeto educativo de complementação escolar que a Biblioteca ensejou na época de sua criação, com propostas de atividades baseadas nos princípios da escola nova,¹⁷ voltadas para crianças letradas,¹⁸ e a farta documentação que nos permite vasculhar esses procedimentos pedagógicos, por exemplo, já chamaram a atenção de pesquisadores da área da educação.

Um material inédito, compilado e organizado encontra-se a disposição de pesquisadores, podendo-se constituir de vários significados, dependendo da finalidade que for investida na sua abordagem, cumprindo o objetivo inicial de deixarmos um material para futuros pesquisadores, atenuando a dispersão de informações.

N

O

T

A

S

1. Criada em 1925, a Biblioteca Infantil da escola primária do Instituto Caetano de Campos sofreu várias interrupções, retomando suas atividades em 1933. Cf. Ana Regina Pinheiro, *A imprensa escolar e o estudo das práticas pedagógicas: o jornal "Nosso Esforço" e o contexto escolar do curso primário do Instituto de Educação (1936-1939)*. Dissertação (Mestrado em Educação), PUCSP, 2000. A dissertação traz o histórico dessa biblioteca.
2. Sobre os bairros da cidade de São Paulo, ver Ernani Bruno, *Histórias e tradições da cidade de São Paulo*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1954, p. 947. O autor destaca que "eram principalmente considerados elegantes na primeira parte do século XX em São Paulo – pelas suas edificações – além do Higienópolis, a Vila Buarque, os Campos Elíseos [...]".
3. Celso Eduardo Ohno, *Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato*, cronologia resumida, São Paulo, 1996, (xerox). Texto arquivado na Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato.
4. Foram realizados seis Congressos de Literatura Infantil e Juvenil, em vários estados do país, com ampla cobertura da imprensa, contando com o apoio e a participação de escritores e jornalistas como Monteiro Lobato, Vicente Guimarães e Thales de Andrade, entre outros. Cf. B. Katzentein, As relações humanas num Congresso Infanto-Juvenil, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n. 30, set./out. 1947, que traz um artigo descrevendo algumas impressões sobre o II Congresso, de Belo Horizonte.
5. Projeto do arquiteto Willian Hentz Gorham, da Divisão de Arquitetura da Prefeitura Municipal de São Paulo.
6. Nos arquivos da Biblioteca encontra-se uma correspondência entre as duas diretoras. Cf. S. Bortolini, *A leitura literária nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salva-*

dor. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), UNESP de Marília, 2001. Esse trabalho traz uma análise das ações atuais, quanto à promoção da leitura, nessas duas bibliotecas.

7. É de sua autoria a publicação, em 1953, da *Bibliografia brasileira de literatura infantil em língua portuguesa*. Essa Bibliografia, a primeira publicada no Brasil, tinha o objetivo de servir de obra de referência para os catalogadores das bibliotecas infantis e escolares, conforme a apresentação da autora. Organizada por ordem alfabética pelo sobrenome dos autores, incluiu livros infantis publicados no Brasil e alguns, em Portugal. A bibliografia em questão levantou 1.843 títulos, trazendo como referências, o número de páginas; se havia ilustração; o tamanho do livro em centímetros; um rápido resumo do conteúdo, com duas ou três linhas; a determinação da faixa etária adequada, dividida de dois em dois anos e o preço.
8. Registrada em 26 de agosto de 1978, sob sua presidência, essa Academia tinha a finalidade de promover a literatura infantil e incentivar a criação de salas de leitura nos municípios. Em 1979, organizou o curso de literatura infantil e formação de salas de leitura. Não tenho informações das atividades atuais dessa Academia, como também de sua extinção. O arquivo da Biblioteca tem pouco material sobre o assunto.
9. Essas fotos datam de 1925 e estavam coladas ou grampeadas. Os álbuns foram remontados e para resguardar as fotografias foram confeccionadas, à mão, cerca de 3.500 cantoneiras, por falta de material e respaldo institucional em relação ao trabalho de organização desse acervo. Foram montados também outros álbuns, com fotografias mais recentes.
10. Sobre esse jornal cf. A. L. Andreotti, *A formação de uma geração: a educação para a promoção social e o progresso do país no jornal A Voz da Infância* da Biblioteca Infantil de São Paulo (1936-1950). Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação), Faculdade de Educação da UNICAMP, 2004.
11. O Teatro Leopoldo Froes foi construído na década de 1950, na mesma praça da Biblioteca, para a montagem de peças infantis. Com a falta de teatros na cidade de São Paulo, foi utilizado para apresentação de peças teatrais em geral. Em 1973, após vários problemas na sua estrutura, o teatro foi demolido para dar lugar a um centro de arte na gestão do prefeito José Carlos de Figueiredo Ferraz. O projeto nunca foi começado. A respeito, no jornal *Folha de São Paulo*, de 16 de junho de 1973, com um desenho do projeto do centro de arte, lê-se a seguinte matéria: Teatro Leopoldo Froes cai, surge o Centro de Arte. (Fonte: Álbum de recortes de jornais do arquivo da Biblioteca).
12. Susan Sontag, *Ensaio sobre a fotografia*, Rio de Janeiro, Arbor, 1981, p. 71.
13. Inúmeros registros, na Biblioteca, indicam a presença de Lobato. Crônicas de jornal, fotografias, entrevistas com as crianças publicadas no jornal da Biblioteca, o *A Voz da Infância*, como também algumas cartas. Esses registros se encontram arquivados na Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca.
14. Na época do *Projeto Memória* (1995-1996) havia informações de que a família de Monteiro Lobato não se dispunha a doar para a Biblioteca o restante do material do escritor, por não achar esse espaço o mais adequado. Provavelmente, o material seria doado para uma universidade. Em dezembro de 2001, a família do escritor doou em comodato para o Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, um acervo que ainda mantinha em seu poder. Após cinco anos, se os entendimentos continuarem, o material fica em definitivo para a instituição.
15. Exposição *60 anos de Memória*, com módulos divididos em períodos, desde os anos de 1930, sobre a trajetória da Biblioteca.
16. Trabalho não publicado, elaborado pela bibliotecária Jacira Rodrigues Garcia, da Seção de Bibliografia e Documentação da Biblioteca Infante-Juvenil Monteiro Lobato, em setembro de 1993, e arquivado na Biblioteca, contendo um resumo do acervo disponível para pesquisadores.
17. A Escola Nova, ideário de renovação da educação nas primeiras décadas do século XX, teve, no Brasil, Lourenço Filho como um dos seus precursores. A criança como o centro da educação, a escola ativa, no dizer de muitos, era um dos pilares dessa pedagogia que, assim, criticava veementemente os padrões de ensino da escola tradicional, centrada no conhecimento do professor, entre outros aspectos. Cf. Dermeval Saviani, *Escola e democracia*, São Paulo, Cortez, 1985, entre outros.
18. *A Revista do Arquivo Histórico Municipal*, n. 34, de 1940, traz uma pesquisa socioeconômica de 1938, sobre as crianças que freqüentavam a Biblioteca, indicando que a maioria pertencia às camadas médias da população.